



PEDOFILIA, QUEM A COMETE? UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO DO PERFIL DO AGRESSOR

Camila Cortellete Pereira da Silva; Daniela Devico Martins Pinto; Rute Grossi Milani

RESUMO: A pedofilia consiste em um distúrbio de conduta sexual, considerado uma perversão de caráter compulsivo e obsessivo, apresentado por adultos com atração sexual, exclusiva ou não, por crianças ou adolescentes. O presente estudo busca caracterizar o perfil psicológico do pedófilo, com base na revisão de literatura. Utilizou-se de literaturas nacionais, por meio da busca em bases de dados eletrônicas: Scielo, Lilacs e Bvs-psi, teses e livros, no período de 2000 a 2011. Observou-se que o pedófilo revela uma série de características psicológicas e comportamentais comuns entre si, em geral, seu comportamento é expresso de forma menos invasiva e dificilmente age com violência, impedindo que as crianças e as pessoas ao seu redor notem o fato. É necessário considerar que esse faz parte de um conjunto mais amplo e diversificado de indivíduos que agem de variadas maneiras, tais como: carente passivo dependente: não possui um relacionamento adequado com a figura materna quando criança; carente agressivo devorador: vivenciou a falta da estabilidade materna, mas tem sentimentos de raiva e de vingança; borderline: possui fraco contato com a realidade e ausência de fronteira entre o eu e o outro. Acredita-se ser necessária a estruturação de políticas públicas voltadas para tais sujeitos, ofertando psicoterapia aos mesmos, como uma forma de diminuir a sua reincidência, conscientizando-os dos danos causados à vítima.

PALAVRAS CHAVES: Abuso sexual infantil; Agressor; Pedófilo, Pedofilia.

ABSTRACT: Pedophilia is a sexual conduct disorder, considered a perversion of compulsive and obsessive character, presented by adults with sexual attraction, exclusive or not, by children or teenagers. The present study aims to characterize the psychological profile of the pedophile, based on literature review. National literatures were used, through electronic databases: Scielo, Lilacs and Bvs-psi, theses and books, in the period from 2000 to 2011. It was observed that the pedophile uncovers a host of psychological and behavioural characteristics common among themselves, and that may be shown through their manipulation, physical and psychological violence. However, it is necessary to consider that this is part of a broader and diverse set of individuals who act in different ways, it is not possible to categorize them as this condition depends on a number of factors: educational, institutional, psychological and cultural. It is believed to be necessary structuring public policies geared to such individuals, offering them psychotherapy, as a way to reduce their recurrence, making them aware of the damage caused to the victim.

KEYWORDS: Child sexual abuse; Perpetrator; Pedophile; Pedophilia.

1. INTRODUÇÃO

Camila Cortellete Pereira da Silva - Acadêmica do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Cesumar – UNICESUMAR, Maringá Paraná. Bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação Científica do Cesumar (PROBIC). cah_cortellete@hotmail.com;
Daniela Devico Martins Pinto - Acadêmica do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Cesumar – UNICESUMAR, Maringá – Paraná. Bolsista do Programa de Bolsas de Iniciação Científica do Cesumar (PROBIC) Dani_devico@hotmail.com;
Rute Grossi Milani
 Orientadora, Professora Doutora do Curso de Psicologia do Centro Universitário de Cesumar – UNICESUMAR rutegrossi@uol.com.br.

Segundo Araújo (2004), o abuso sexual infantil é definido como a exposição de uma criança a estímulos sexuais impróprios para a sua idade, onde o adulto ou adolescente mais velho submete a vítima, com ou sem o seu consentimento, a satisfazer ou estimular seus desejos sexuais, impondo pela força física, ameaça, sedução com palavras ou ofertas de presente.

A pedofilia é o termo utilizado para a repetição compulsiva desta prática, a qual consiste em um distúrbio de conduta sexual, psicopatológica, perversão sexual com caráter obsessivo e compulsivo, que é considerada um fenômeno universal, na qual adultos apresentam uma atração sexual, exclusiva ou não, por crianças e adolescentes (ARAÚJO, 2004).

Os pedófilos são aqueles indivíduos de ambos os sexos que possuem atração sexual primária ou exclusiva por crianças, mesmo sem nenhum contato sexual efetivo. Nem todos aqueles que praticam o abuso sexual em crianças são pedófilos, eles podem ter sido impulsionados por outras variáveis que não a predileção sexual por infantes (SALTER, 2009).

A identificação do perfil do pedófilo é de grande importância para a sociedade, como forma de esclarecimento e proteção para a mesma. Com essa delimitação mais específica do perfil do agressor, as pessoas estarão mais aptas a tomar medidas preventivas face às violações possíveis de serem causadas pelo mesmo. Para o meio científico, busca-se complementar o pouco que se tem sobre o agressor, tendo em vista, que a maior parte das pesquisas relacionadas à pedofilia prioriza a vítima.

Este artigo teve como objetivo caracterizar alguns padrões de comportamento que indicam o estado psicológico do pedófilo, com base em revisão da literatura. Assim, buscou-se conhecer melhor o agressor, respondendo ao questionamento: Quem é o pedófilo? Para isso se faz necessário conhecer os aspectos psicológicos, que influenciam as condutas perversas do pedófilo. Tais informações permitirão uma visão mais clara de suas características.

Para a realização deste estudo bibliográfico, de caráter exploratório, foram efetuadas buscas na literatura nacional, por meio da consulta às bases de dados eletrônicas: bvs-psi, scielo, lilacs, portal de teses da capes, identificando-se um total de 28 artigos e teses, e 5 livros, no período de 2000 a 2011. Utilizaram-se as seguintes palavras-chave: pedofilia; pedófilo; perfil do pedófilo, abuso sexual, parafilia.

Com tal pesquisa buscou-se caracterizar o pedófilo através dos seus aspectos psicológicos, dividindo-os em tais temas: pedofilia e pedófilo, onde este subdividiu-se em: Classificação do pedófilo; Características de personalidade; e prevenção e tratamento.

2. PEDOFILIA

A palavra pedofilia vem do grego: Paidos que significa criança e philia que se refere a amor, atração. Segundo Salter (2009), pedofilia é o sentimento de quem é pedófilo, designado a pessoa que “gosta de crianças”. Assim, segundo a autora, somente se sentir atraído por uma criança não é considerado crime, ou seja, a pedofilia não é assim considerada no Código Penal. Deste modo, somente quem pratica tais atos libidinosos contra crianças é considerado um criminoso.

Bulawski e Castro (2011) complementam, afirmando que apenas pela presença de fantasias ou desejos sexuais o indivíduo pode ser clinicamente considerado como pedófilo, mesmo que não tenha ocorrido o ato sexual entre o adulto e a criança. A pedofilia consiste em uma parafilia, que é caracterizada por fantasias, anseios e comportamentos sexuais intensos. É caracterizada pela busca de satisfação sexual por

meios inadequados, o que na pedofilia se dá pela escolha da criança como objeto de satisfação sexual.

Muitos fatores são conferidos ao desenvolvimento da pedofilia, porém a etiologia do transtorno nunca foi identificada de maneira exata. Salter (2009) descreve que algumas pesquisas atribuem tal fator ao nível elevado de hormônios masculinos androgênicos, que poderiam aumentar a agressividade.

Para Spizirri (2008), um dos fatores desencadeantes para o desenvolvimento do quadro é uma realidade familiar desestruturada na infância.

Como o transtorno não tem cura, diz Spizirri (2008), a psicoterapia é para a vida toda, tendo como objetivo ensinar o indivíduo a se controlar, principalmente em casos de ansiedade, nos quais os sintomas podem se agravar. Durante o acompanhamento podem ser prescritas drogas psicoativas que variam entre antidepressivos, antipsicóticos e estabilizadores de humor.

Percebe-se que há opiniões divergentes em relação ao responsável pelo ato libidinoso. Entretanto, é possível compreender que como a criança não tem noção das intenções reais do agressor, ela se encontra em desvantagem. Masi (2004) ainda complementa dizendo que não se pode falar em consentimento voluntário da criança, afinal, não possuem maturidade suficiente para reconhecer os movimentos estratégicos do agressor e acabam sendo manipuladas para o ato pretendido pelo pedófilo.

Dessa forma, o que evidentemente torna um sujeito passível de ser classificado como pedófilo é o fato deste escolher como foco a sua satisfação sexual a criança, já que todos os estudos se referem a causas multifatoriais, dificultando a apresentação de explicações definitivas.

2.1 PEDÓFILO

Não há uma definição exata a respeito do perfil do pedófilo, existindo diversas opiniões a respeito do mesmo. Para Spizirri (2008), não existe um perfil definido do abusador, um dos fatores desencadeantes para o desenvolvimento do quadro é uma realidade familiar desestruturada na infância. Assim, em sua maioria, sofreram algum tipo de abuso quando criança.

De acordo com Araújo (2004), o abuso sexual de crianças, existe em decorrência de um conjunto de elementos que são: culturais, político-administrativos, psicológicos e econômicos. Enquanto Serafim et al. (2009) alegam que altos níveis de testosterona, incapacidade em manter relação conjugal estável, traumatismo cranioencefálico, retardo mental, psicoses, abuso de álcool e substâncias psicoativas, reincidência de crimes sexuais e transtornos da personalidade são outros fatores que também possuem um alto grau de vulnerabilidade para as condutas sexuais criminosas.

Quaisquer que sejam as razões pelas quais as pessoas desenvolvem tal fixação, ela costuma ser crônica e resistente a mudanças, mesmo que corram o risco de serem identificados, ou seja, ele irá repetir seus abusos como um vício, nenhuma promessa de mudança deve ser aceita porque não irá ser cumprida (SERAFIM et al., 2009), como afirma a Associação para Tratamento de Abusadores Sexuais (ATAS) a maioria dos pedófilos podem ser tratados, mas mesmo assim não há cura conhecida, o gerenciamento do comportamento sexualmente abusivo é uma tarefa para toda a vida (SALTER, 2009).

Para Serafim (2009), é consenso que portadores de pedofilia podem manter seus desejos em segredo durante toda a vida sem nunca compartilhá-los ou torná-los atos reais, já os molestadores apresentam motivações variadas para seus crimes, que raramente têm origem em transtornos formais da preferência sexual, assim como se

acredita que a passagem de fantasias para a ação no caso dos pedófilos ocorre com maior frequência quando o indivíduo é exposto a estresse intenso, situações nas quais haja grande pressão psíquica. E quando estão envolvidos com atos ilícitos, a expressão do comportamento criminoso dos pedófilos permite diferenciá-los em dois tipos, em abusadores e molestadores.

2.1.1 Classificação do pedófilo

Os autores de violência sexual contra crianças são caracterizados por atitudes sutis e discretas no abuso sexual, geralmente utilizando-se de carícias, visto que em muitas situações a vítima não se vê violentada, já os molestadores são mais invasivos, menos discretos e geralmente consomem o ato sexual contra a vítima.

Assim, há também subdivisões entre ambos, conseqüentemente são eles: 1) pedófilo abusador: o tipo mais comum é o indivíduo imaturo, tratando-se de um tipo solitário, e a falta de habilidade social acaba levando-o a fantasias na pedofilia. Seu comportamento é expresso de forma menos invasiva e dificilmente age com violência, impedindo que as crianças e as pessoas ao seu redor notem o fato;

2) pedófilo molestador: seu padrão de comportamento é invasivo com utilização frequente de violência. 2.1) molestador situacional: a criança não é especialmente o objeto central de sua fantasia, seu comportamento sexual esta a serviço das suas necessidades básicas sexuais (excitação e desejo) ou não sexuais (poder e raiva), são oportunistas e impulsivos. 2.1.1) molestador situacional regredido: para satisfazer seus desejos sexuais, utiliza-se de qualquer grupo vulnerável, como idosos e deficientes físicos ou mentais. Apresenta estilo de vida estável, financeira e geograficamente tem prazer imenso em seduzir, diminuindo seus problemas com baixa auto-estima, o uso de pornografia infantil melhora seu desempenho e a conquista da vítima; 2.1.2) molestador situacional inescrupuloso: tem como hábito usar e abusar das pessoas, ele mente, trapaceia, furta e não vê motivo para não molestar crianças, usa de força, sedução ou manipulação para conquistar a vítima. O incesto é comum para esse molestador, que não hesita em envolver seus filhos ou enteados na realização de seus desejos. 2.2.3) molestador situacional inadequado: não manifesta comportamento agressivo, pois suas práticas sexuais envolvem abraçar, acariciar, lambe ou outros atos libidinosos que raramente incluem relação sexual, quando mantém tende a ser anal ou oral;

2.2) pedófilo molestador preferencial: a gratificação sexual só será alcançada se a vítima for uma criança, seu comportamento sexual esta a serviço de suas parafilias e é persistente e compulsivo, orientado por suas fantasias. Focaliza sua ação em vítimas específicas, no seu relacionamento com elas ou no cenário dos fatos, sua característica marcante é a violência extrema, que chega até o homicídio. Ele pode ser do tipo sedutor, sádico e introvertido; (SERAFIM ET AL, 2009).

2.1.2 Características de personalidade

Também se pode dividir a personalidade dos abusadores sexuais segundo Gijsehem (1980) e Weiberg (1955) (apud MARQUES, 2005) oito tipos distintos:

1) *Carente passivo dependente*: não possui um relacionamento adequado com a figura materna quando criança. Por somente sentir o desamparo não mobiliza sua agressividade. Tem grande avidez oral, é pegajoso e instável. Ele abusa como criança porque sua sexualidade esta fixada na infância e com criança devido à maior facilidade.

2) *Carente agressivo devorador*: vivenciou a falta da estabilidade materna, mas tem sentimentos de raiva e de vingança. Mobiliza a agressividade e age gratificando e punindo

seu objeto. A violência física é muito comum, por ser esse indivíduo muito agressivo e gostar de impor suas vontades.

3) *Borderline*: possui fraco contato com a realidade e ausência de fronteira entre o eu e o outro. Existe sentimento de alienação e angústia existencial. Esse sujeito impõe o abuso porque o outro não existe.

4) *Estrutura perversa*: apresenta um vínculo sádico com a figura materna que sempre o elogiou. A sexualidade é precoce e há perversão em relação aos laços afetivos, como garantia de seu narcisismo. Tem a ilusão de completude, de ser o “bom”. Quando comete o abuso, acredita estar fazendo algo afável à criança. Possui a característica de ser paciente, sedutor.

5) *Psicopatia da patologia narcísica*: Faz a criança lidar com sua onipotência. Ele projeta seu sentimento de grandiosidade e quer ter prazer imediato. Pode matar ou roubar, mas sempre será um ato bom, devido ao seu sentimento de onipotência.

6) *Paranóia da patologia narcísica*: tem a ilusão de ser onipotente, mas teve um pai fraco. Pode cometer outros delitos, seus relacionamentos são na maioria heterossexuais e podem estar ligados a uma missão, ou uma forma de querer educar a criança.

7) *Neurótico*: apresentou uma relação objetal não plena e percebe o outro como qualquer. Sente culpa e ansiedade e devido a isso não tem coragem de cometer o abuso de fato, utilizando-se de pornografia para sua satisfação erótica.

8) *Deficiente mental*: apresenta deficiência de causas orgânicas, senilidade, traumas cerebrais ou por medicação. É exibicionista e masturba-se na frente da criança, mas não chega a cometer o ato.

2.1.3 Prevenção e tratamento

Serafim (2009) ressalta que além da dificuldade de lidar com o estigma de pedófilo e desenvolver autocontrole sobre seus desejos, outro agravante é a ressocialização dos mesmos pela falta de estrutura do sistema penitenciário Brasileiro. A partir do momento em que chegam aos presídios, todos os abusadores sexuais são obrigados a viver marginalizados em uma área separada do coletivo, como forma de garantir sua segurança, já que são alvos de desprezo dos outros criminosos sofrendo abuso ou até sendo mortos. Outro fator prejudicial para a recuperação do agressor é a falta de tratamento adequado durante seu encarceramento.

Para Spizirri (2008), a única forma de diminuir o número de crimes relacionados à pedofilia é evitar a reincidência da prática é por meio de investimentos em pesquisa e atendimento especializado.

Ainda existem poucos locais de tratamento bem embasados e voltados para ajudar essas pessoas a se tratarem e se reintegrarem à sociedade. Encará-las simplesmente como monstros não ajudará a resolver o problema. Ele continuará a existir em todas as suas facetas (SPIZIRRI, 2008, p.35).

Serafim (2009) acredita na necessidade da promoção de campanhas de conscientização focadas também na parafilia, e não somente na vítima “A pedofilia é vista como um ato cometido por pessoas sem-vergonhas, quando, na verdade, é uma doença que precisa ser tratada” (p. 109). Ele ainda complementa que tal ato é importante para o esclarecimento das pessoas que possuem o transtorno se sintam mais livres para procurar ajuda.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência sexual contra crianças e adolescentes é um assunto muito discutido atualmente, tendo assim diversos estudos e pesquisas referentes principalmente à vítima e seus progenitores que não cometeram a violência.

Os autores deste ato quando retratados em artigos e pesquisas, habitualmente é de uma forma muito ampla e restrita, não buscando se aprofundar nos aspectos psicológicos, sociais e culturais que fizeram com que o mesmo realizasse tal violência. E ainda são vistos pela sociedade de uma forma distorcida, onde os mesmos muitas vezes são descritos como estranhos, loucos, monstruosos, como se fosse possível facilmente reconhecer os mesmos. Porém, observou-se que os mesmos provêm de todas as classes sociais, grupos étnicos e faixa etária, havendo a necessidade de uma desmistificação destes, onde a sua subjetividade e sua história de vida deve ser levada em consideração.

Durante a pesquisa, encontrou-se que mesmo possuindo diversos comportamentos imprevisíveis, observou-se que o pedófilo revela uma série de características psicológicas e comportamentais comuns entre si. Em geral, seu comportamento é expresso de forma menos invasiva e dificilmente age com violência, impedindo que as crianças e as pessoas ao seu redor notem o fato. É necessário considerar que esse faz parte de um conjunto mais amplo e diversificado de indivíduos que agem de variadas maneiras, tais como: carente passivo dependente: não possui um relacionamento adequado com a figura materna quando criança; carente agressivo devorador: vivenciou a falta da estabilidade materna, mas tem sentimentos de raiva e de vingança; borderline: possui fraco contato com a realidade e ausência de fronteira entre o eu e o outro.

Dessa forma, o abuso sexual deve ser visto não somente como uma questão biológica, nem mesmo individualmente, psicológica ou social, mas como um fenômeno multidisciplinar incluindo aspectos históricos, culturais, sociais e psicológicos. Com isso, questiona-se até que ponto é possível caracterizar tais indivíduos, onde classificações se tornam generalistas retirando toda a individualidade de suas ações e dando a credibilidade para a população de que se é possível identificá-los através desse estereótipo de pessoas “diferentes”, “estranhas”. Entretanto, o que deve ser feito é conscientizar a sociedade quanto às orientações sexuais que devem ser dadas às crianças desde cedo protegendo e respeitando o seu próprio corpo, construir um ambiente seguro e de confiança para que a criança possa ter a liberdade de contar caso aconteça algo a ela e, ainda, observar os sinais dado pelas mesmas.

Dessa forma, faz-se necessário orientar a sociedade e os meios acadêmicos sobre os modelos de prevenção destinando-se a evitar o evento danoso, esclarecendo e conscientizando a criança, o adolescente e a sua escola, e investindo na promoção do bem estar físico, emocional e social da família e dos vínculos afetivos que os organizam. Caso a prevenção não tenha ocorrido, e o abuso já tenha sido perpetrado, vê-se a necessidade de estabelecer estratégias para que o ato não se repita, detectando as situações de risco. E ao abusador prevenir recaídas através de psicoterapia, mais do que idealizar a cura já que o mesmo é uma doença crônica.

Mesmo compondo um conjunto mais amplo e diversificado de indivíduos que agem com diferentes práticas e de variadas maneiras, concluiu-se que não existe um perfil único para descrever o sujeito, é uma condição que depende de inúmeros fatores sendo educacionais, institucionais, psicológicos e culturais.

Durante a pesquisa deparou-se com a dificuldade da classificação do pedófilo, na qual se encontraram diversas denominações para o sujeito, podendo ser visto como abusador sexual infantil, autor de violência sexual contra crianças, molestador e abusador. Desta forma, dificultou-se a delimitação entre os mesmos.

Devido a essa dificuldade utilizaram-se todos os termos citados, referindo-se ao mesmo indivíduo, portanto, sugere-se que haja uma melhor delimitação, possibilitando assim diferenciá-los.

Há muito a se pesquisar a respeito do pedófilo, como por exemplo, seu tratamento dentro das penitenciárias e ao sair, a relação de dependência e de silêncio que se cria dentro das famílias e, ainda, um trabalho mais aprofundado com os autores de violência sexual, enfocando a sua subjetividade, assim como aspectos psicológicos, relações familiares, história de vida, aspectos sociais, culturais e históricos. Acredita-se ser necessária a estruturação de políticas públicas voltadas para tais sujeitos, ofertando psicoterapia aos mesmos, como uma forma de diminuir a sua reincidência, conscientizando-os dos danos causados à vítima.

Por conseguinte, foi possível perceber que a pesquisa a respeito da pedofilia e do seu respectivo abusador vem tendo um amadurecimento e transformações nas últimas décadas, focalizando principalmente a responsabilização do agressor. Este estudo é necessário, pois embora a pedofilia nasça dentro de um ambiente privado, o gesto pedofílico ultrapassa o nível do particular e invade os ambientes sociais agredindo toda a sociedade na medida em que o “outro” da relação é sempre um sujeito privado de sua própria vontade.

4. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Naira (org). Abuso e exploração sexual contra crianças e adolescentes. **Manual de orientação para educadores**. Manaus: Agência Uga-Uga de Comunicação, 2004

BULAWSKI, Cláudio Maldaner; CASTRO, Joelíria Vey de. O perfil do pedófilo: uma abordagem da realidade brasileira. **Revista Liberdades**, n. 6, janeiro – abril, 2011.

MARQUES, Heloisa M. de V. **A voz do abusador: aspectos psicológicos dos protagonistas de incesto. 2005, Dissertação de Mestrado, Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2005.** Disponível em:

<http://www.bdttd.ucb.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=648> acesso em: 04 de maio de 2011

MASI, Franco de. O Pedófilo e o seu mundo Interno: Considerações teóricas e clínicas sobre a análise de um paciente. In: BLASS, Rachel B.; CARMEL, Zvi. (org.) **A repetição entre recordação e destino**. São Paulo: Escuta, 2009.

MOURA, A. DA S. **A criança na perspectiva do abusador sexual**. Dissertação de Mestrado não publicada, Instituto de Psicologia, Mestrado em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil, 2007. Disponível em: <www.msmedia.com/ceprua/andreina.doc> acesso em: 20 de março de 2011.

SALTER, Anna C. **Predadores – Pedófilos, Estupradores e Outros Agressores Sexuais**. São Paulo: M. Books do Brasil, 2009.

SPIZZIRRI, Giancarlo. Pedofilia – considerações atuais. Diagnóstico e tratamento. **Diagn. tratamento**, v.15, n, 1, jan-mar, 2010.

SERAFIM, Antonio de Pádua, SAFFI, Fabiana; RIGONATTI, Sérgio Paulo; CASOY, Ilana; BARROS, Daniel Martin de. Perfil psicológico e comportamental de agressores sexuais de crianças. **Revista Psiq Clínica**, 101-11, 2009.

Anais Eletrônico

VIII EPCC – Encontro Internacional de Produção Científica Cesumar
UNICESUMAR – Centro Universitário Cesumar
Editora CESUMAR
Maringá – Paraná – Brasil